

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

Arquitetura da Memória: entre práticas ancestrais e monumentos vivos

GRAÇA, ROSSANA ¹

¹ Arquiteta e urbanista, Bachelor of Architecture pela University of Plymouth (Reino Unido), mestre pelo Institute for Advanced Architecture of Catalonia – IAAC/Universitat Politècnica de Catalunya (Espanha), e doutoranda em Arqueologia Cristã no Pontifício Istituto di Archeologia Cristiana – PIAC (Itália). Licenciada pela Ordem dos Arquitetos de Angola. rossanagrace@gmail.com

Sessão Temática:

1 – Memória, identidade e (re)existência

RESUMO: Este ensaio reflete sobre o espaço construído como expressão de memória, sacralidade e identidade, articulando prática arquitetônica e investigação arqueológica. A experiência do projeto do Campus para Juventude no Cunene serviu como ponto de partida que suscitou as questões teóricas aqui exploradas, invertendo o percurso convencional em que a teoria precede a prática. O diálogo com Tim Ingold, Félix Alves Pereira e Giovanni Battista de Rossi fundamenta uma leitura em que conceitos como *dwelling*, paisagem poliândrica e arqueologia litúrgica permitem compreender a arquitetura como gesto habitado e mediador cultural. Embora os resultados in loco ainda estejam em consolidação, o processo evidencia como a prática arquitetônica pode abrir espaço para colaborações futuras entre arquitetos e arqueólogos. Assim, a arquitetura emerge como prática dissidente de (re)existência, capaz de reativar memórias e promover reconciliações entre passado e presente em territórios em luta.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, arqueologia Cristã, memória, sacralidade, identidade

Architecture of Memory: between ancestral practices and living monuments

ABSTRACT: This essay reflects on the built space as an expression of memory, sacredness, and identity, articulating architectural practice and archaeological investigation. The experience of the Youth Campus project at Cunene served as a starting point that raised the theoretical questions explored here, inverting the conventional path in which theory precedes practice. The dialogue with Tim Ingold, Félix Alves Pereira and Giovanni Battista de Rossi underpins a reading in which concepts such as *dwelling*, polyandrous landscape and liturgical archaeology allow us to understand architecture as an inhabited gesture and cultural mediator. Although the on-site results are still being consolidated, the process highlights how architectural practice can produce space for future collaborations between architects and archaeologists. Thus, architecture emerges as a dissident practice of (re)existence, capable of reactivating memories and promoting reconciliations between past and present in territories in struggle.

KEYWORDS: *architecture, Christian archaeology, memory, sacredness, identity*

INTRODUÇÃO

Este ensaio entrelaça prática arquitetônica e investigação arqueológica para refletir sobre o espaço construído como lugar de memória, sacralidade e identidade. A partir da experiência no projeto do Campus para Juventude no Cunene e da leitura de paisagens Cristãs antigas, propõe-se uma arquitetura como ato de habitar com significado. Três autores sustentam essa abordagem: Tim Ingold¹, Félix Alves Pereira² e Giovanni Battista De Rossi³. Essas contribuições convergem na ideia do espaço como tecido simbólico, onde passado e presente se entrelaçam. Mais que um exercício teórico, o ensaio desloca o olhar: da arquitetura como forma para gesto; da arqueologia como registro para escuta.

METODOLOGIA

Arquitetura, Arqueologia e Memória: um Ensaio Interdisciplinar

Este ensaio parte da prática arquitetônica no Campus para Juventude no Cunene, que despertou questões teóricas exploradas com base em Tim Ingold, Félix Alves Pereira e Giovanni Battista De Rossi, cujas obras convergem na compreensão do espaço como expressão de memória, identidade e sacralidade, invertendo o percurso convencional em que a teoria precede a prática.

Tim Ingold e a Habitação Como Ato Significativo

Tim Ingold, em sua abordagem fenomenológica e antropológica, oferece uma chave essencial para compreender a arquitetura não apenas como construção, mas como habitação significativa. Ele distingue entre construção (*building*⁴) e habitação (*dwelling*⁵), afirmando que não se trata apenas de erguer estruturas, mas de habitá-las com sentido. A partir dessa óptica, os monumentos deixam de ser apenas formas fixas e passam a ser lidos como habitações⁶ simbólicas – lugares onde comunidades projetam suas crenças, memórias e identidades. Afirma que “a vida é o próprio processo de geração e sustentação de forma” (Ingold 2007) aplica-se diretamente aos monumentos cristãos: o altar romano (ara), por exemplo, não é apenas reutilizado, mas reabitado, convertido de objeto pagão a elemento central da liturgia Cristã.

¹ Tim Ingold (n. 1948) é antropólogo britânico, Professor Emérito de Antropologia Social na Universidade de Aberdeen e ex-professor da Universidade de Manchester. Seu trabalho etnográfico com povos Saami e finlandeses na Lapônia fundamenta reflexões sobre percepção ambiental, prática, relações entre humanos e animais, teoria da evolução e os vínculos entre antropologia, arte e arquitetura. Para Ingold, “a antropologia é filosofia com gente dentro”. INGOLD, Tim. Site oficial. Disponível em: <https://www.timingold.com/>. Acesso em: 4 set. 2025.

² Félix Bernardino da Costa Alves Pereira (Arcos de Valdevez, 1º de abril de 1865 – Sintra, 26 de outubro de 1936) foi um destacado arqueólogo e conservador do Museu Etnológico Português (1902–1911), com especialização em antropologia, epigrafia, etnografia e história da arte. Após fixar residência em Sintra em 1912, realizou extensos trabalhos de campo e publicou mais de duas dezenas de obras sobre arqueologia, história local e património, incluindo *Insculturas em Rocha em Castros de Val-de-Vez* (1898), *Elenco da Epigraphia Lusitano-Romana* (1909), *Habitações Castrejas do Norte de Portugal* (1914) e a obra póstuma *Sintra do Pretérito* (1957). Ver: ALVES, J. Félix Alves Pereira: Um Grande Arqueólogo de Sintra. Guia de Colares, 23 nov. 2020.

³ Giovanni Battista De Rossi (1822–1894) é considerado o fundador da disciplina da Arqueologia Cristã em Roma. Ver: CECALUPO, C. A Brief History of Christian Archaeology between 1860 and 1930. In: *Revealing Christian Heritage: The Rediscovery of Christian Archaeology between 1860 and 1930*. Volume I, p. 12.

⁴ *Building*: construir, erguer estruturas físicas.

⁵ *Dwelling*: habitar, viver o espaço como experiência significativa.

⁶ Entende-se a habitação como um espaço de vivência, no qual o sujeito vivencia experiências que transcendem o mero abrigo físico.

Esse processo de transformação se desdobra nas categorias que Ingold propõe: o *co-optimizing*⁷ e o *constructive making*⁸ (Ingold, 2007, p.175). O primeiro refere-se à apropriação de formas preexistentes com novos significados, como ocorreu na Cristianização de espaços romanos. O segundo envolve a criação intencional de novos espaços que traduzem uma visão específica do mundo, como vemos na posterior construção de basílicas e capelas Cristãs. Essa distinção ajuda a interpretar a prática: o projeto do centro de juventude no Cunene⁹ emerge não apenas como uma construção funcional, mas como um gesto de escuta e reinterpretação cultural — uma tradução espacial da circularidade espiritual Himba. Habitar e construir tornam-se, assim, atos simultaneamente físicos e simbólicos.

Félix Alves Pereira e a Paisagem Como Palimpsesto Sagrado

É justamente essa intersecção entre paisagem, memória e espiritualidade que surge na leitura da obra¹⁰ de Félix Alves Pereira. A sua abordagem da arqueologia Cristã no Alto Minho — marcada por um olhar descritivo, reflexivo e humanizado (Pereira, 1929, pp.1-3) — ressoa com o que Ingold chama de *discursive worlds of culturally constructed significance*¹¹ (Ingold, 2007, p.172). Pereira não vê o solo como neutro, mas como um palimpsesto carregado de sentido, onde cada ruína, cada inscrição, cada sepultura é uma entrada numa narrativa maior. Seu uso do termo *poliândrico*¹², para descrever a natureza interconectada das práticas sepulcrais e dos espaços religiosos, ecoa a ideia de Ingold de que o espaço é construído em relação, não em isolamento. As sepulturas ao redor das basílicas, as inscrições dos conventos, e a escolha de locais de sepultamento revelam uma compreensão orgânica da paisagem sagrada.

O Olhar Itinerante: Metodologia e Escrita em Movimento

Além disso, a forma como Pereira estrutura seus relatos — intercalando observações pessoais com análise histórica — antecipa o tipo de escrita que este ensaio busca: um testemunho que une o rigor científico à escuta subjetiva. A sua metodologia itinerante, quase pedagógica, promove uma imersão respeitosa nos lugares e convida o leitor a caminhar junto com o autor — atitude que, à luz de Ingold, poderíamos interpretar como uma forma de *dwelling*: habitar os vestígios, reanimar a paisagem com significado.

A ponte entre Pereira e os estudos sobre a cristianização Romana se fortalece com a leitura de Giovanni Battista De Rossi, cuja *Roma Sotterranea Cristiana* inaugura um novo olhar sobre as catacumbas e os primeiros vestígios da fé Cristã. De Rossi, com sua combinação de erudição e devoção, propõe uma leitura espiritual da arqueologia: os monumentos subterrâneos não são apenas restos materiais, mas arquivos vivos da fé. O seu trabalho de sistematização das catacumbas nasce, como ele próprio afirma, do “amor pelo estudo e da curiosidade alimentada pela fé” (De Rossi, 1864, pp. 68-81).

⁷ *Co-optimizing*: apropriação de formas preexistentes com novos significados.

⁸ *Constructive making*: criação intencional de novos espaços.

⁹ O projeto intitulado Campus para Juventude na Província do Cunene é uma iniciativa da Fundação da Primeira-Dama de Angola, Fundação Ngana Zenza (FDC). O objetivo é oferecer aos jovens em situação de vulnerabilidade um espaço dedicado ao seu desenvolvimento, onde possam crescer, explorar seu potencial e tornar-se cidadãos responsáveis e capacitados. Ver: GRAÇA, R. The Geometry of Memory. Medium, 12 de agosto de 2025.

¹⁰ Jornadas de um curioso pelas margens do Lima.

¹¹ O significado é atingido ou construído por meios culturais (i.e., hábitos, costumes ou ideias de diferentes sociedades). Ingold descreve-o como algo que é grande e crescente.

¹² É um termo emprestado da botânica que descreve diversas estruturas da flor que são semelhantes, porém livres — ou seja, não estão unidas e são independentes umas das outras. Félix Pereira usa esse termo para descrever a relação entre as sepulturas cristãs antigas.

Esse impulso, que motiva tanto a escavação quanto a oração, se traduz numa arqueologia que é também litúrgica — Jesus disse: “*Fazei isto em memória de mim*”¹³ durante a Última Ceia.

Giovanni Battista De Rossi e a Arqueologia Como Devoção

De Rossi nos mostra que a arqueologia Cristã não é apenas uma ciência do passado, mas uma forma de escuta teológica. A presença de nomes inscritos nas paredes das catacumbas, como Marangoni¹⁴, evoca não apenas a história, mas a persistência da memória e da devoção nos gestos humanos (De Rossi, 1864, pp. 2-7). Tal como os peregrinos que continuaram a visitar os túmulos dos mártires mesmo antes da institucionalização da arqueologia, o arquiteto — ou a arquiteta — pode também ser aquele ou aquela que busca no espaço uma narrativa sagrada.

De Pedra À Oração: Genealogia da Memória Arquitetônica

Assim, ao entrelaçar a teoria de Ingold com as observações de Pereira e o testemunho De Rossi, delineia-se uma genealogia da memória arquitetônica. Os monumentos, como afirma Ingold, são limites: entre construção e habitação, entre matéria e espírito, entre passado e presença. São gestos inscritos na pedra, orações moldadas em alvenaria, pontes entre o terreno e o eterno. E é nesse limiar que se encontra o cerne da arqueologia Cristã — não como ciência estática, mas como narrativa viva.

Em conclusão, este ensaio articula prática projetual e escuta arqueológica para revelar o espaço construído como manifestação viva de memória, fé, identidade e resistência. Com base em Ingold, Pereira e De Rossi, compreendem-se os monumentos como suportes de narrativas dissidentes e presenças. Habitar um espaço é reativar camadas históricas e afirmar a (re)existência simbólica. Ingold distingue construção (*building*) de habitação (*dwelling*), argumentando que construir é um ato de memória, escuta e luta. Pereira concebe a paisagem como palimpsesto de relações humanas e espirituais. De Rossi, por sua vez, destaca a arqueologia litúrgica. O projeto no Cunene exemplifica essa arquitetura que traduz uma cosmovisão e atua como ponte entre passado e presente.

¹³ Bíblia Sagrada, 1 Coríntios 11:24-25. Tradução Revista e Atualizada.

¹⁴ Giovanni Marangoni (1673–1753) é um padre italiano, antiquário e estudioso pioneiro das catacumbas de Roma. O primeiro livro do primeiro volume de *Roma Sotterranea Cristiana* traça as origens da arqueologia cristã em Roma, destacando exploradores — de humanistas renascentistas a peregrinos — cujo interesse pelas catacumbas, ainda que inicialmente voltado para monumentos pagãos, preparou o caminho para investigações cristãs.

Figuras:

Figura 1. Imagem do prefácio do documento conceptual.
Centro juvenil enraizado na diversidade cultural.

Fonte: Dar Al-Handasah, 2025

Figura 2. Vista superior do lote de implantação – Cunene, Angola.



Fonte: Dar Al-Handasah, 2025

Figura 3. Vista da construção do edifício principal – Cunene, Angola.



Fonte: Dar Al-Handasah, 2025

Figura . Vista da construção do edifício principal – Cunene, Angola.



Fonte: Dar Al-Handasah, 2025

Figura 5. Vista da construção do edifício técnico (apoio) – Cunene, Angola.



Fonte: Dar Al-Handasah, 2025

Figura 6. Vista da construção do edifício técnico e das instalações sanitárias (à esquerda) – Cunene, Angola.



Fonte: Dar Al-Handasah, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados in loco do projeto no Cunene, embora ainda em consolidação, indicam que a arquitetura pode atuar como mediadora entre memória e comunidade. O processo revelou-se menos como imposição de formas e mais como tradução cultural e espiritual. Influenciado por autores como Pereira, De Rossi e Ingold, este percurso reafirma a arquitetura como prática relacional, capaz de ativar vínculos e escutar os lugares. Assim, o projeto torna-se ponto de partida para novas investigações, em que práticas arquitetônicas dialogam com arqueologia, antropologia e escuta ética.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho reflete, em parte, a experiência profissional da autora na DAR Al-Handasah, em Angola, sob cuja orientação foi desenvolvido o campus para juventude na Província do Cunene. A autora expressa seu reconhecimento à proprietária da obra pelo apoio institucional prestado ao projeto, fundamental para sua concretização.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

DE ROSSI, Giovanni Battista. Roma sotterranea cristiana. v. 1. Roma: Cromo Litografia Pontificia, 1864.

INGOLD, Tim. Lines: a brief history. In: INGOLD, Tim. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge, 2007.

PEREIRA, Félix Alves. Jornadas de um curioso pelas margens do Lima. Estudos do Alto-Minho, v. XXVI. In: O Archeólogo Português. Lisboa: Imprensa Nacional; Museu Etnológico Português, v. XXVIII, p. 1–51, 1929.

GRAÇA, Rossana. The Geometry of Memory. Medium, 12 ago. 2025. Disponível em: <https://medium.com/@rossanagraca/the-geometry-of-memory-0ea281caa289>. Acesso em: 2 set. 2025.

GRAÇA, Rossana. Geometry of Memory Part II: A Genealogy of Memory. Medium, 31 ago. 2025. Disponível em: <https://medium.com/@rossanagraca/geometry-of-memory-part-ii-a-genealogy-of-memory-dabe195753bd>. Acesso em: 2 set. 2025.